APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ BUDISMO E RELIGIÕES GLOBAIS EM DIÁLOGO: CAMINHOS PARA A JUSTIÇA SOCIAL

Plínio Marcos Tsai

Ana Paula Martins Gouveia

Patricia Guernelli Palazzo Tsai

Manoel Ribeiro de Moraes Jr

Marcelo da Silva Carneiro

O número que fecha o ano de 2025 da Estudos de Religião é totalmente dedicado ao Budismo, tanto no dossiê, quanto na resenha. Esperamos que a contribuição atenda a uma lacuna existente na pesquisa no Brasil, indicando recortes variados envolvendo o Budismo de maneira adequada, respeitando as tradições e olhares não eurocentrados. Assinamos essa edição de forma específica, nos juntando aos organizadores e organizadoras desse trabalho de relevância.

O presente dossiê – Budismo e Religiões Globais em Diálogo: Caminhos para a Justiça Social – nasceu de uma proposta de analisar o tema da justiça social sob as lentes do 'outro'. Essas lentes do 'outro' implicam em um movimento de abertura para outras tradições e teorias que também buscam uma coexistência harmônica entre seres humanos e outros seres – sencientes – bem como com a natureza.

Discutir sobre justiça social se torna crucial para a construção de pontes de diálogo e amizades inter-religiosas, de forma a lidar com os problemas enfrentados em um mundo pós-pandêmico, recrudescido pelos acenos à extrema direita e à obe-

diência aos modelos neoliberais. Os temas explorados ao longo dos artigos trazem aspectos que denunciam o espírito dos tempos atuais, ao mesmo tempo em que cultivam uma abertura inter-religiosa para a solução de problemas em comum.

O presente número reúne pesquisas contemporâneas que exploram, sob múltiplas abordagens metodológicas, as interfaces entre ética, religião, práticas sociais, filosofia budista e cristã, teoria crítica e desafios estruturais do mundo contemporâneo. Os artigos articulam tradições budistas – Mahāyāna e Theravāda – com ênfase no que é chamado de budismo engajado, bem como a realização de diálogos inter-religiosos, que tem por finalidade abordar temas urgentes.

O primeiro artigo do dossiê é O Budismo Engajado de Tài Xū e o horizonte da Terra Pura, de Estela Piccin e Plínio Marcos Tsai, que examina o papel do Mestre Tài Xū na redefinição do budismo chinês em um momento histórico em que essa tradição era frequentemente associada e limitada, no imaginário popular, ao culto dos mortos e ao afastamento dos temas da vida cotidiana.

Inspirado pelo Mahāyāna e pelo movimento cristão do Evangelho Social, Tài Xū propôs um budismo voltado ao engajamento político e social, com o objetivo de estabelecer uma Terra Pura no reino humano. Ao longo da transição entre os séculos XIX e XX, essa proposta deu origem a uma rede de novos princípios voltados à promoção de mudanças sociais concretas.

Com base na filosofia hermenêutica da Teoria de Rede Inter-relacional, o artigo analisa essa tensão por meio de dois conceitos centrais do Budismo Mahāyāna: bodhicitta, entendida como a determinação individual de alcançar a iluminação, e buddhakṣetra, a aspiração de realizar uma sociedade inspirada no horizonte da Terra Pura de forma coletiva e material. Ao explorar a articulação entre esses dois eixos – transformação interior e transformação social – o estudo busca contribuir para uma compreensão mais complexa e menos reducionista da efetividade das ações do Budismo Engajado, destacando sua relevância como movimento que integra espiritualidade, ética e responsabilidade sociopolítica.

O segundo artigo, Pentecostalismo Asiático e Budismo Engajado: Trajetórias convergentes para a justiça social no cenário do Cristianismo Mundial, escrito por David Mesquiati de Oliveira, investiga as relações entre o Pentecostalismo Asiático e o Budismo Engajado enquanto movimentos que buscam respostas transformadoras

para contextos marcados por desigualdade estrutural e profunda religiosidade. O artigo reconhece o protagonismo crescente do Sul Global e examina de que modo a soteriologia pentecostal – permeada por experiências carismáticas e práticas de cuidado comunitário – pode oferecer importantes contribuições para o diálogo inter-religioso, em especial com as tradições budistas por meio do Budismo Engajado. A análise busca ainda explorar as dinâmicas de solidariedade, cura e justiça presentes em comunidades marginalizadas, com os exemplos dos minjung e dalits.

A dimensão salvífica e social do pentecostalismo asiático pode atuar como um tipo de upāyakauśalya cristão, isto é, um meio hábil contextualizado capaz de promover alívio do sofrimento (duḥkha) e fomentar práticas de compaixão, algo possível apenas pela dimensão de diálogo e amizade inter-religiosa. Essa upāyakauśalya revela convergências significativas com a ética budista da responsabilidade universal e do não-apego, abrindo espaço para uma cooperação pragmática na diapraxis social entre ambos os movimentos. Assim, o artigo argumenta que, apesar das diferenças doutrinais, Pentecostalismo Asiático e Budismo Engajado compartilham um potencial complementar de transformação sociopolítica, legitimando-se mutuamente como agentes de mudança no enfrentamento das desigualdades contemporâneas.

No terceiro artigo, A derrota de Māra e o olhar europeu oitocentista sobre a vida de Buda, Loyane Aline Pessato Ferreira traz uma importante discussão sobre como interpretações europeias do século XIX sobre os Budismos contribuíram para consolidar leituras hierarquizantes que favoreceram a ideia de hegemonia textual e a noção de degeneração entre diferentes tradições. Ao privilegiar categorias como "pureza" e "simplicidade", estudiosos europeus participaram da formação de um campo discursivo que influenciou decisivamente o surgimento dos Buddhist Studies, estabelecendo critérios normativos que marginalizaram práticas, narrativas e cosmologias consideradas "populares" ou "fantásticas".

A partir de uma análise histórica e bibliográfica, o estudo mostra como essas representações produziram efeitos duradouros na compreensão ocidental do Budismo e no modo como as tradições asiáticas foram enquadradas por lentes eurocêntricas. Com base no conceito de representações e práticas de Roger Chartier, articulado a uma perspectiva decolonial, o artigo examina criticamente o episódio da Derrota de Māra, destacando como sua leitura por estudiosos europeus evidencia as limitações e implicações ideológicas dessas abordagens. O tratamento do

episódio como elemento mitológico ou secundário, em contraste com seu papel central na construção da figura do Buda, demonstra tensões fundamentais entre história, religião e colonialidade.

Em seguida, Ethel Beluzzi, Geovana Moretto e Nayara Takahashi, no artigo Equanimidade (upekṣā) no pensamento Mahāyāna: análise do conceito e apontamentos sobre pertencimento social, examinam o conceito de equanimidade (upekṣā) na tradição budista Mahāyāna a partir de três obras fundamentais: o Akṣayamatinirdeśa-sūtra, o Mahāprajñāpāramitāśāstra, de Nāgārjuna, e o Lamrim Chenmo de Tsongkhapa. Cada uma dessas fontes apresenta uma abordagem distinta sobre a prática e o alcance ético da equanimidade, permitindo compreender sua complexidade filosófica e sua relevância para a formação da mente do despertar (bodhicitta).

A partir desse percurso hermenêutico, as autoras argumentam que o cultivo da equanimidade constitui um fundamento ético capaz de sustentar formas mais amplas e inclusivas de pertencimento social. Ao favorecer uma atitude imparcial, estável e livre de preferências discriminatórias, a equanimidade contribui para relações marcadas por respeito, equilíbrio e reconhecimento recíproco, podendo ser uma alternativa de convivência em sociedades marcadas por conflitos, desigualdades e afetos polarizados, não se tratando apenas de cultivo de um estado mental individual, mas inclusive um horizonte ético.

O artigo Contemplando os alimentos como remédio: contribuições das tradições budistas frente às violações à dignidade e ao direito à alimentação provocadas pela dieta neoliberal, de Patricia Palazzo Tsai, Cibele Priscila Busch Furlan e Gabriel Viana, propõe uma análise interdisciplinar que articula economia política, saúde pública, Direitos Humanos e filosofia budista para examinar o impacto das grandes indústrias de alimentos e a expansão global dos ultraprocessados. O texto destaca como a lógica de produção altamente palatável e nutricionalmente pobre gera lucros expressivos às custas de vidas humanas e de danos ambientais, revelando um cenário de crise social e sanitária que ultrapassa o âmbito econômico.

Como alternativa, as autoras e o autor apresentam as tradições éticas do budismo Mahāyāna, através do Lamrim Chenmo de Je Tsongkhapa e do texto Cinco Contemplações – traduzido do chinês – e que também é utilizado por Thubten Chodron, em seu The Compassionate Kitchen. Essas referências são mobilizadas para propor uma

ética alimentar centrada na atenção consciente às cadeias de produção e no cultivo de responsabilidade quanto aos efeitos do consumo. Em contraste com a lógica neoliberal de lucro e exploração, a releitura dessas tradições sugere caminhos para práticas alimentares baseadas em consciência, interdependência e compromisso ético, delineando alternativas para enfrentar os desafios contemporâneos relacionados à alimentação e à saúde coletiva.

Logo após, Nirvana O. M. Galvão de França e Thaís Moraes Azevedo Maetsuka apresentam o Bhūtagāma como a morada dos seres: uma interpretação a partir do Vinaya para a preservação ambiental. Nesse artigo, discutem a relevância de princípios ambientais presentes no código de conduta monástico (Vinaya) da tradição Theravāda para refletir sobre os desafios ecológicos contemporâneos. Partindo da constatação de que as religiões desempenham papel fundamental na formação de valores e práticas sociais, o texto analisa como o preceito de preservar plantas (bhūtagāma), que são entendidas como morada dos seres, oferece uma perspectiva ética de proteção ambiental. Esse princípio, associado à noção de ahiṃsā (não violência), dialoga com categorias da ecologia atual e é interpretado à luz da filosofia do monge Bhikkhu Buddhadasa, a partir do percurso hermenêutico da rede inter-relacional.

A preservação das plantas e dos animais, além de refletir o compromisso de não prejudicar seres vivos, traduz um entendimento ético mais amplo sobre o equilíbrio das redes ecológicas e o impacto das ações humanas. As autoras trazem uma contribuição – a partir das lentes budistas – na discussão sobre a promoção de sustentabilidade, manejo responsável do meio ambiente e práticas éticas que contribuem para enfrentar a crise ecológica atual.

Uma visão sobre o capacitismo é explorada por Magda Loureiro Motta Chinaglia e Maximiliano Sawaya, no artigo O problema do capacitismo contra pessoas com deficiência intelectual: uma perspectiva budista, trazendo a discussão sobre o estigma, a discriminação e a exclusão social enfrentados por pessoas com deficiência intelectual no Brasil, destacando como, apesar de avanços legais e políticas afirmativas, esse grupo permanece com acesso limitado a educação, trabalho e serviços de saúde, além de estar exposto a riscos elevados de violência, suicídio e morte precoce. Os autores trazem como referência os relatos preservados nas tradições budistas de acolhimento e inclusão, entre os quais se destaca a história do Arhat Cūḍapanthaka, que teria sido cuidado pessoalmente pelo Buddha histórico.

A análise da autora e do autor enfatiza valores como compaixão, acolhimento e reconhecimento da dignidade de todos os seres, sugerindo que esses princípios podem orientar práticas sociais contemporâneas mais inclusivas, oferecendo fundamentos éticos relevantes para repensar atitudes, políticas públicas pautadas na dignidade de pessoas com deficiência intelectual, contribuindo para superar estruturas de exclusão ainda profundamente arraigadas na sociedade.

O artigo Justiça Social Interdependente: Ética Budista Geluk e Educação de Gênero no Enfrentamento de Violências Interseccionais, de Fernanda Marina Feitosa Coelho e Jonathan Jesse Raichart, examina como a educação para a diversidade, fundamentada na experiência brasileira e no conceito de interseccionalidade formulado por Kimberlé Crenshaw, pode contribuir para a promoção da justiça social ao dialogar com a ética proposta pelo XIV Dalai Lama. A partir da ciência da mente budista, o texto articula categorias de gênero, raça e classe para demonstrar que as desigualdades sociais não são apenas estruturais, mas também emocionais, sustentadas por aflições coletivas ligadas ao apego, à raiva e à ignorância.

Nesse sentido, a educação é apresentada como prática ética capaz de atuar na superação dessas aflições, promovendo formas de convivência mais respeitosas e sensíveis às diferenças. A reflexão culmina na proposta de uma pedagogia da interdependência, construída a partir do diálogo entre a perspectiva budista Geluk e os estudos de gênero. Essa pedagogia enfatiza o cuidado, a compaixão e o reconhecimento mútuo como fundamentos para enfrentar violências interseccionais e transformar as bases culturais que sustentam a exclusão.

O penúltimo artigo, Budismo em Thich Nhat Hanh e em Chögyam Trungpa Rinpoche no pensamento da educação Libertária de Bell Hooks, de Flávia Cristina Silveira Lemos e Leila Cristina da Conceição Santos Almeida, explora pontos de intersecção entre o pensamento da educação libertária de bell hooks – marcado por seu feminismo negro e por críticas ao sexismo, ao racismo e ao imperialismo militar – e elementos do budismo como pensados por Thich Nhat Hanh e Chögyam Trungpa. Ao analisar o zen ativista e pacifista de Hanh, bem como o budismo tibetano de Trungpa, com sua crítica ao eu e às formas de alienação, o texto evidencia como ambos os referenciais oferecem ferramentas conceituais e práticas para uma atitude crítica diante das opressões contemporâneas. A atenção plena, a presença ética e a ação engajada surgem como pontos de convergência entre essas tradições, nutrindo reflexões sobre transformação individual e coletiva.

Nesse diálogo, o artigo argumenta que o budismo contribui para o pensamento de bell hooks ao fortalecer uma pedagogia transgressora orientada para o cuidado, a crítica social e a construção de comunidade. A articulação entre crítica estrutural e cultivo interior permite compreender como práticas de atenção e acolhimento podem sustentar processos educativos voltados ao enfrentamento do racismo, do sexismo e das violências de gênero.

De forma a encerrar o dossiê, o artigo Análise semiótica gestual na arte Mahāyāna e católica: considerações éticas e estéticas, escrito por Klaus D'Orásio Leão e Marcelo da Silva Carneiro, se propôs a investiga o simbolismo dos gestos manuais na iconografia budista e cristã, analisando-os a partir de categorias da semiótica peirceana para compreender como funcionam como signos éticos nas tradições religiosas que os produzem. Ao explorar a natureza relacional desses signos, o estudo considera de que maneira eles moldam percepções sobre condutas éticas, valores espirituais e modos de presença no mundo.

A análise se aprofunda em dois gestos paradigmáticos: o gesto de destemor no Budismo Mahāyāna, associado à coragem compassiva e à superação do medo em benefício de todos os seres, e o gesto cristão de oração, que exprime súplica, louvor e submissão a Deus como Criador. Ao compará-los, o ensaio evidencia como cada gesto articula concepções distintas de ética — uma baseada na superação do medo e a outra na relação de reverência e louvor ao divino.

Esperamos que a leitura seja proveitosa e inspire mais pesquisadoras/es a adentrar e ampliar o campo de estudos sobre Budismo no Brasil, além de maior engajamento em diálogos inter-religiosos, que como pode ser percebido pelos artigos que compõem este dossiê, possibilita articulações importantes com a finalidade de aumentar o consenso em relação à temática da justiça social e reparação de desigualdades.